

ENTRE NÓS E AS PALAVRAS, OS EMPAREDADOS: TESTEMUNHO, TESTEMUNHA E ENUNCIAÇÃO EM *RETRATO CALADO*¹

SANTIAGO BRETANHA¹; ARACY GRAÇA ERNST²

¹Universidade Federal de Pelotas – santiagobretanha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aracyep@gmail.com

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

You are welcome to Elsinore, Mario Cesariny

1. INTRODUÇÃO

Reunindo trechos de diários pessoais, registros epistolares e relatos autobiográficos, *Retrato Calado*, livro-testemunho de Luis Roberto Salinas Fortes remonta (a) inúmeras prisões e torturas que o autor sofreu na década de 70, em São Paulo. Graduado em Filosofia, Ciências e Letras pela USP (Universidade de São Paulo), e doutor em filosofia na mesma instituição, ficou reconhecido por suas teses de doutoramento e de livre-docência. A primeira delas foi escrita logo após sair do claustro. A “dor que continua doendo até hoje” deixou suas marcas: evidentemente traumatizado, a tortura afetou-lhe a fala. É o que comenta Marilena Chauí, integrante de sua banca de doutorado e com quem mantinha relação de amizade, ao recordar “[q]uantas vezes ouvi Salinas tropeçar na frase iniciada, tateando as palavras, perder o fio da meada e, não podendo alcançar meus ouvidos, tentar alcançar-me os olhos, lançando-me um olhar, misto de pasmo e agonia” ([1988] 2018, p. 11), ou as inúmeras vezes que “pedi que me dissesse por que, escritor de clareza incomparável, falar se lhe tornara tão penoso. Às vezes sorria apenas. Outras vezes, ria um riso tão gaguejante quanto sua fala” (CHAUÍ, [1988] 2018, p. 11).

A condição de Salinas é a de *superstes* de um *aparelho singular* cuja função, em última instância, é a de destruir a humanidade do sujeito ao desintegrar-lhe a fala e sequestrar-lhe o pensamento (CHAUÍ, [1988] 2018). Para a testemunha dessa *máquina prodigiosa*, a quem a fala falta, resta a escrita. E é justamente por esse motivo que a pergunta “por que escrevo?” é reiteradamente mobilizada na obra. Nesta *vertigem lúcida* (CHAUÍ, [1988] 2018), Salinas compõe o seu testemunho, e por saber que “a dor que continua doendo até hoje e que vai acabar por [matá-lo] se irrealiza, transmuda-se em simples ‘ocorrência’ equívoca, suscetível a uma infinidade de interpretações” (FORTES, [1988] 2018, p. 42), é que advém “a necessidade do registro rigoroso da experiência, da sua descrição, da constituição do material fenomenológico, da sua transcrição literária” (FORTES, [1988] 2018, p. 43).

Dedicando-se a *Retrato Calado*, este trabalho versa sobre a relação entre escrita e testemunho, que, embora “evidente”, carrega uma particularidade: aquele que escreve o faz questionando-se sobre o papel de sua enunciação, sobre as significações que a língua inscreve sobre si mesma e sobre a violência. Tem-se, portanto, um *objeto* em que a metalinguagem estrutura, pelo menos, dois níveis de enunciação: a) na relação da língua enquanto interpretante de si mesma e b) na

¹ Este trabalho é um recorte do artigo BRETANHA, S. Entre a testemunha e a palavra, o dever falar: o testemunho como objeto de uma Antropologia da Enunciação. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 9-28, 2022. <https://doi.org/10.1590/2176-4573p54220>

relação da língua enquanto interpretante da tortura. Esta relação, colocada por *Retrato Calado*, alicerça a busca do sujeito de apreender a tortura como um sistema simbólico, o que, a princípio, parece falhar. A discussão trata, portanto, sobre a testemunha e o testemunho, primariamente, e, em segundo plano, sobre o testemunho e a tortura, uma vez que esta é a condição (lógica) que engendra os primeiros.

2. METODOLOGIA

Nosso modesto exercício soma-se ao programa que busca uma *práxis* “mais consoante com o entendimento da linguística como um conhecimento antropológico” (FLORES, 2019a, p. 278) que se insinua para a proposta de uma *linguística do testemunho e da testemunha*. Pautados em Flores (2015, 2019) e no campo de investigação que o autor funda sob a designação de *Antropologia da Enunciação*, cuja categoria ontológica é o falante, não denegamos o desafio que se coloca “para uma linguística que se dedica a olhar para o *homo loquens* – em especial nos casos em que o falante está abalado em sua condição de falante –” (FLORES, 2019a, p. 278), a saber, “o vínculo entre o homem e a sua enunciação numa relação de unicidade e singularidade” (FLORES, 2019a, p. 278), sua *presença na língua*. Segundo Flores (2019a), fundamentado em Benveniste, reside, aí, a relevância do discurso testemunhal: seja como *testis* (terceiro), ou como *superstes* (testemunha), “pouco importa, é sempre como falante que o homem pode falar de sua propriedade *loquens*” (FLORES, 2019a, p. 300).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O escafandro e a borboleta: ou o testemunho da fala que falta ao falante, abarcado pelos *Problemas Gerais de Linguística* (FLORES, 2019), é um dos textos que fundam a *Antropologia da Enunciação* e cuja ressonância e impacto ainda não são de absoluto precisáveis. Isso devido, principalmente, à sua recente publicação, à complexidade do método que inaugura (que remonta a Benveniste, mas vai além dele) e às interpelações lançadas aos princípios epistemológicos da Linguística.

Na conclusão do capítulo, aspeada, é mobilizada a expressão “linguística do testemunho e da testemunha”. Mesmo que mantida a distância, Flores lhe dá o estatuto de “via de abordagem das ‘formas patológicas’” (2019a, p. 299) e parece reivindicá-la como designação de uma “configuração teórica que prop[õe] para a linguística” (2019a, p. 279). Em sua visão, “uma linguística como conhecimento antropológico não olha para a ‘patologia’, mas para os termos da presença do homem na língua. Isso implica considerar o aspecto relacional – o ‘eu’ e o ‘outro’ – da enunciação” (FLORES, 2019a, p. 300).

Dentre as obras que fundamentam a discussão está *O que resta de Auschwitz – o arquivo e o testemunho*, em cujas páginas Giorgio Agamben analisa produções memoriais de sobreviventes do holocausto, especialmente as de Primo Levi, a quem considera “um tipo perfeito de testemunha” (2008, p. 26). Figura que se constitui pela condição de ser *sobrevivente*.

Com base nesses registros, Agamben retoma os vocábulos em latim *testis* (terceiro) e *superstes* (sobrevivente) como designações para as diferentes características da testemunha (FLORES, 2019a). *Testis*, a primeira palavra, “de que deriva nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*terstis) em um processo ou em um litígio entre dois contendores”, ao passo

que a segunda, *superstes*, “indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho” (AGAMBEN, 2008, p. 27, grifos do autor).

Como assinala Flores (2019a), esses termos são, também, objeto de estudo de Benveniste ([1969] 1983) no *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*. As análises comparativas do linguista confirmam os apontamentos etimológicos feitos para Agamben. Segundo o autor, guardado o sentido de “super que não é própria nem somente ‘por cima de’, senão também ‘mais além’” (BENVENISTE, [1969] 1983, p. 404, tradução nossa, grifos do autor), *superstes* trata-se daquele “que pode passar por ‘testemunha’ por haver assistido a uma coisa realizada” (BENVENISTE, [1969] 1983, p. 405, tradução nossa), isto é, que se manteve “mais além, subsistiu mais além” [...] de um acontecimento que aniquilou o resto” (BENVENISTE, [1969] 1983, p. 404, tradução nossa), “que atravessou um perigo, uma prova, um período difícil, e sobreviveu” (BENVENISTE, [1969] 1983, p. 404, tradução nossa).

A partir desta reconstrução, Agamben assume que Levi é um *superstes*. Ele relata a história como alguém que a experienciou e sobreviveu apesar dela. Ou, em outras palavras, como observa Flores (2019a, p. 281), “Levi, então, é uma testemunha no sentido restrito de *superstes*, aquele que viveu algo e tenta relatá-lo, nunca se colocando na posição de *testis*, de testemunha no sentido de terceiro”. Para Flores (2019a, p. 281), também Bauby é um *superstes*, visto que seu testemunho se desenvolve a partir da *perspectiva de quem vê de dentro*. Bauby, por outro lado, distingue-se de Levi porque narra aquilo que vive no presente, ao passo que Levi rememora a experiência passada, dando às suas narrativas configurações temporais distintas. “[N]ão se pode ignorar que a forma de engajamento no ato de narrar é o que os diferencia: a posteriori em relação à cena, em um; contemporaneamente em relação à cena, em outro” (FLORES, 2019a, p. 282).

Nesse ponto, *Retrato Calado* constitui uma complexidade singular. No primeiro capítulo, *Cena Primitiva*, Salinas remonta às suas duas primeiras prisões realizadas em 1974, na OBan/DelC e no DOPS, respectivamente, e cada uma pelo período de dez dias. No segundo capítulo, *Suores Noturnos*, recupera trechos de diários datados em 1959, 1960 e 1965. No capítulo derradeiro, *Repetição*, refere-se a outras duas prisões que sofreu na OBAN no ano de 1978, dessa vez, pelo período de dois dias cada. No interstício desta seção, soma-se uma carta escrita em 1977, remetida a um amigo desde Paris. Os relatos foram compilados *a posteriori*, provavelmente em meados da década de 80, isso o autor explicita. Haveria duas dimensões de “passado”, dado o jogo temporal entre o antes (1959, 1960, 1965, 1977) e o depois (1974, 1978) do perigo? Tem-se um testemunho que se projeta retrospectivamente e prospectivamente sobre a memória?

Salinas dá indícios de que “*Retrato Calado*” é predito desde o cárcere e sua “escrita” sofre constantes interrupções. Na presença do Coronel Dalmo, o próprio militar “[p]rofetiza, já no final do interrogatório: quando sair daqui, você vai escrever um livro!” (SALINAS, [1988] 2018, p. 44). Em ocasião anterior, após uma sessão de tortura, em sua frente, “o capitão metranca na cinta, caneta na mão. Anotando tudo e, de vez em quando, me advertindo para que eu não omitisse nada. Começava, assim, diante da autoridade, o processo de produção dos primeiros capítulos das minhas confissões, logo interrompido, porém, por outro militar” (SALINAS, [1988] 2018, p. 35). Situação similar se repete quando diz que, “[d]e posse de caneta e papel, meu ímpeto é contar tudo. Velho reflexo de intelectual imbecil? Pois é, começo a escrever minha autobiografia. Como vê o senhor, a mania já vinha desde então” (SALINAS, [1988] 2018, p. 53). Dos excertos, apreendemos dois Re-

tratos: uma primeira produção, relatada nas instituições militares, cujo registro material não existe e que é constantemente interrompida; e uma segunda obra, escrita em liberdade, cuja existência era antecipada pelos próprios torturadores.

4. CONCLUSÕES

As constatações até aqui traçadas lembram-nos do prefácio da obra, em que Candido ([1988] 2018) aponta para um processo de reconciliação de Salinas com o passado. Parece-nos justamente o avesso. Salinas procura garantir, por meio da repetição/recuperação da memória na escrita, os documentos da própria presença a uma experiência que, manifestamente, lhe escapa. “[E]les quase tinham conseguido me quebrar, restando-me agora, como único recurso, como último antídoto e contraveneno, a metralhadora de escrever, o alinhamento das palavras, o arado sobre a folha branca, a inscrição como resposta. É aqui, neste exato momento, que se trava a luta” (SALINAS, [1988] 2018, p. 116). Longe de uma reconciliação, o testemunho de Salinas traduz uma incontornável não coincidência consigo mesmo. Estão, aí, as bases de um “exorcismo” da escrita que se renova a cada instante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. O arquivo e a testemunha. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BENVENISTE, Émile. [1969]. **Vocabulario de las instituciones indoeuropeas**. I. Economía, parentesco, sociedad. II. Poder, derecho, religión. Tradução de Mauro Armiño. Revisão e notas de Jaime Siles. Madrid: Taurus, 1983.
- CANDIDO, Antonio. [1988]. Prefácio. In: SALINAS, Luiz Roberto Fortes. [1988]. **Retrato calado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 14-18.
- CHAUÍ, Marilena. [1988]. Apresentação. In: SALINAS, Luiz Roberto Fortes. [1988]. **Retrato calado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 7-13.
- FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, v. 50, n. 5, p. 90-95, dez. 2015.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas Gerais de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- FLORES, Valdir do Nascimento. O escafandro e a borboleta: ou o testemunho da fala que falta ao falante. In: Flores, Valdir do Nascimento. **Problemas Gerais de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019a. p. 273-300.
- SALINAS, Luiz Roberto Fortes. [1988]. **Retrato calado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.